



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15618 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

ERUPÇÕES DESEJANTES E A PROLIFERAÇÃO DA DIFERENÇA: A ARTE DE GOVERNAR O INGOVERNÁVEL NA EDUCAÇÃO

Amarildo Inácio dos Santos - IFPR - Instituto Federal do Paraná

Maria Roseli Gomes Brito de Sá - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

ERUPÇÕES DESEJANTES E A PROLIFERAÇÃO DA DIFERENÇA: A ARTE DE GOVERNAR O INGOVERNÁVEL NA EDUCAÇÃO

Autor(a) ^[1]

Coautor(a) 1 ^[2]

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho deriva de pesquisa de doutoramento desenvolvida a partir e em torno de questionamentos acerca da relação entre desejo, diferença e educação escolar. Compreendendo desejo e diferença a partir das filosofias da diferença, de cariz epistemológico pós-estruturalista, realizamos uma problematização da relação triádica entre desejo, diferença e educação. Como pensar o desejo e a diferença (Deleuze; Guattari, 2010) em sua relação com a escolarização, cujos currículos visam à produção e homogeneização subjetivas? Assumimos que a escolarização afunila a multiplicidade em um agenciamento molar binário que a reduz a, de um lado, feixes de máquinas desejantes produzindo ininterruptamente e fazendo emergir e proliferar a diferença; doutro lado, a máquina gregária escolar, que investe ostensivamente na produção em série de quem

somos, na fabricação de identidades (Silva, 2007) que, por sua vez, recalcam o desejo e atendem às demandas do contexto social no qual a escola está inserida. Naturalmente, não estamos dizendo que o rizoma escolar se reduz a este agenciamento molar binário assimétrico, ideia que sequer se concebe na afiliação epistemológica aqui adotada, porém, ressaltamos que optamos por “dar um zoom”, por assim dizer, nas linhas de estratificação duras, molares, que juntamente com as linhas flexíveis, moleculares, entretecem o real social da educação brasileira.

Deleuze e Guattari (2010) operaram uma inversão na concepção psicanalítica freud-lacanianiana de desejo e o pensam não como falta, mas como produção incessante. O inconsciente é maquínico, pois está sempre produzindo e, neste processo, o *ser* difere de si mesmo constantemente. Então, ontologicamente, o *ser* só pode se dizer da diferença. “Assim, e em termos absolutamente gerais, podemos dizer que o norte deleuziano aponta para o pensamento de uma ontologia ‘não metafísica’” (Craia, 2009, p. 109). Uma ontologia que não conceba essências transcendentais para o *ser*, mas o conceba como construção e desconstrução e reconstrução ininterruptos. Aqui percebemos claramente um conflito entre esta concepção e as práticas curriculares mais usuais na educação escolar ou no âmbito da educação escolar.

A diferença, conseqüentemente, não pode ser compreendida como aquilo que difere de algo, isto é, ela não tem uma referência normativa à qual deve se reportar. Ela é diferença em si mesma, pois o *ser* está constantemente diferindo de si mesmo em função da produção desejante que não cessa. A escola, tal como está configurada desde sua invenção pela burguesia capitalista na modernidade (Varela; Alvarez-Uria, 1991), visa paralisar esses fluxos moleculares. Faz isso por meio de proposições curriculares que pretendem fixar sentidos e significados que nomeiam o desejo, produzem identidades que o recalcam e inserem nas paisagens sociais. Todavia, o desejo não pode ser totalmente capturado, pois ele não para de produzir, de modo que a captura é sempre provisória.

O desejo é como “vulcão” produzindo até erupcionar e proliferar o “magma”, a diferença em si, que flui e altera as paisagens aparente e pretensamente estáveis. É essa instabilidade constante que é preciso governar e isso é feito recalcando o desejo e representando, nomeando toda diferença que escapa no processo. “Se o desejo é recalcado é porque toda posição de desejo, por menor que seja, pode pôr em questão a ordem estabelecida de uma sociedade [...] não há posição de máquina desejante que não leve setores sociais inteiros a explodir” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 158). A escola é uma instituição inventada notadamente para governar o desejo e a diferença.

Diante disso, interessa saber como a diferença é representada na educação escolar contemporânea, de modo que as questões propulsoras da pesquisa foram:

quais enunciados sobre diferença estão presentes em documentos que normatizam e/ou orientam a educação escolar brasileira? Qual formação discursiva se configura da conjunção desses enunciados? Como essa formação discursiva se insere nos currículos escolares contemporâneos? Qual/quais função/ões essa formação discursiva desempenha ao ser inserida nos currículos escolares? Os objetivos foram: mapear enunciados sobre a relação entre diferença e educação escolar em documentos que a normatizam e/ou orientam. Analisar os enunciados mapeados e a formação discursiva que configuram. Problematizar a inserção e o uso biopolítico dessa formação discursiva nos currículos escolares contemporâneos. Os dados foram produzidos a partir da análise de quarenta e oito documentos, de origem nacional e internacional, que orientam e/ou normatizam a educação. A metodologia operou uma bricolagem entre a cartografia deleuzeguattariana e a arqueogenealogia foucaultiana.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: na segunda seção, discorreremos acerca da bricolagem entre a cartografia e a arqueogenealogia, estratégia teórico-metodológica que utilizamos, e sobre como procedemos. Na terceira seção, apresentamos os enunciados mapeados e as condições de possibilidade para sua emergência. Além disso, apresentamos a formação discursiva que eles configuram e problematizamos sua inserção em políticas curriculares e currículos como estratégia de recalamento do desejo e captura da diferença sem referente. Por fim, apresentamos algumas considerações finais e nossas referências.

2 BRICOLAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Conforme anunciamos na introdução, efetuamos uma bricolagem teórico-metodológica entre as ferramentas cartografia deleuzeguattariana e a arqueogenealogia foucaultiana. A cartografia é um dos princípios do rizoma descritos por Deleuze e Guattari (2011). Esta ferramenta possibilita cartografar as linhas de estratificação duras, molares, e deslocar-se no encaço das linhas flexíveis, moleculares, que não cessam de fugir por todos os lados. É no jogo constante entre o molar e o molecular, atual e virtual, que o real social é tecido e constantemente se transforma. A cartografia possibilitou selecionar os documentos a serem analisados e, neles, mapear enunciados sobre diferença. A arqueogenealogia, por sua vez, dirige seu interesse à tríade *discurso-poder-sujeito*. Dito em outros termos, investiga como os discursos são imbricados em táticas de poder com vistas a produzir sujeitos. Esta produção, vale lembrar, a um só tempo recalca o desejo e captura a diferença sem referente. A arqueogenealogia possibilitou analisar como os enunciados sobre diferença, presentes nos documentos, puderam emergir e originar uma formação discursiva que adquiriu

estatuto de verdade. Isto é, possibilitou analisar as condições de possibilidade de sua emergência e, além disso, problematizar a inserção estratégica dessa formação discursiva em políticas curriculares e em currículos.

Fazer uma arqueogenealogia requer efetuar um recorte histórico de análise. Neste caso, o período abrangeu de 1945 a 2022, ano de conclusão da pesquisa e defesa da tese. O ano de 1945 não foi escolhido ao acaso, mas porque marca o fim da Segunda Guerra Mundial e a fundação da Organização das Nações Unidas (ONU), um organismo multilateral que visa à paz entre os Estados-membros e à cooperação para o progresso econômico e científico. Na esteira da criação desse organismo, outros foram sendo criados nas décadas seguintes e, neste estudo, os pensamos como instâncias de produção e difusão de discursos, haja vista que operam como forças centrípetas e centrífugas no que tange aos discursos. Isto é, reúnem os países signatários e estabelecem consensos sobre variados temas, como a educação escolar. É claro que esses “consensos” podem ser problematizados se levarmos em conta a assimetria de poder existente entre as potências econômicas do norte global e as nações periféricas, porém não enveredaremos por esse caminho neste momento. O que destacamos é que esses consensos são materializados em documentos que, por sua vez, são monumentos, pois ressoam a racionalidade de sua época (Foucault, 2012). Dito de outro modo, os documentos ecoam as “verdades” filhas desta época.

Por isso analisamos documentos que orientam e/ou normatizam a educação dentro do recorte temporal anunciado. Neles pudemos encontrar enunciados que possibilitam inferir a formação discursiva sobre diferença na educação. Esta formação discursiva permite inferir como a diferença é representada e então pudemos problematizar este processo. A seleção dos documentos ocorreu de forma rizomática, sendo definido apenas o ponto de partida, a Carta das Nações Unidas, que fundou a ONU. A partir daí, percebemos na leitura que um documento remetia a outro e a outro e a outro e a outro...e...e...e... até que chegamos a uma intrincada teia de quarenta e oito documentos, de origem internacional e nacional, que compuseram o *corpus* efetivamente analisado na pesquisa. Não analisamos a totalidade dos documentos que orientaram e/ou normatizaram a educação durante todo o período, mas a amostra analisada possibilitou uma vasta análise e referenda as conclusões a que chegamos.

3 A EMERGÊNCIA DE UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA SOBRE DIFERENÇA

A leitura rizomática dos documentos selecionados possibilitou perceber que havia palavras que apareciam insistentemente em todos eles. Nós as listamos e

nomeamos como *palavras insistentes*. Então, era hora de dar um *zoom*, aproximar o olhar, e percebemos que estavam relacionadas a nove palavras que operavam como núcleos de átomos discursivos. Segundo Castro (2016, p. 138), “[...] o enunciado é algo assim como o átomo do discurso”. Estas palavras eram os enunciados que buscávamos nos documentos, ou seja, todas elas tinham alguma relação com a diferença no contexto educacional. São elas: humano; igualdade-equidade; tolerância; diversidade-diferença; inclusão; liberdade; democracia; cidadania; educação escolar.

E como estes enunciados puderam emergir e adquirir regularidade no período estudado? As análises permitem argumentar que há pelo menos oito condições de possibilidade para sua emergência: O pós-modernismo/pós-modernidade; a fundação da ONU; a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos; o Estado de bem-estar social (Keynesianismo); as lutas de movimentos sociais reivindicatórios e/ou contestatórios; a expansão e aceleração da globalização; a expansão do modelo de democracia liberal; a redemocratização do Brasil e a promulgação da Constituição Federal de 1988. Na pesquisa de (Autor X, 2022) estas condições de possibilidade são descritas e analisadas. Os acontecimentos produziram mudanças no âmbito global e nacional, possibilitando a proliferação de outros enunciados sobre educação escolar e diferenças em distintos contextos sociais. A conjunção destes enunciados configurou uma formação discursiva que atualmente pode ser melhor descrita assim:

se somos todos *humanos*, somos todos *iguais*. Isso demanda do Estado que assegure direitos a todos, o que o leva a considerar as *diferenças*, isto é, os desiguais devem ter tratamento desigual, para que haja *equidade* e não exclusão. Deste modo, é necessário *incluir* a todos e, uma vez incluídos, a *tolerância* mútua entre as *diferenças* é fundamental para que as *liberdades* individuais se concretizem. Sem isso não será possível construir uma *democracia* na qual a *diversidade* humana, em todos os seus aspectos, possa existir e coexistir em harmonia. Portanto, a *educação escolar*, que é um direito social assegurado pela Constituição Federal, deve promover a *inclusão*, considerando as diferentes necessidades dos sujeitos e educar, desde cedo, para o convívio coletivo pacífico (Autor X, 2022, p. 174 ênfases do original).

Acatada como verdade, esta formação discursiva reverbera em documentos que normatizam e/ou orientam a educação escolar e em currículos. Ao atravessar os currículos, esta formação discursiva reproduz verdades que recalcam o desejo em subjetividades. A Diferença que escapa é representada como desvio e a multiplicidade é reduzida a dois polos dicotômicos equivalentes ao binômio assimétrico *norma-anomia*. Esta formação discursiva recalca o desejo e reduz a diferença à diversidade para paralisar provisoriamente os fluxos desejantes e os canalizar pelas estrias do *socius*, inserindo-os nas paisagens sociais desta época. A partir disto, desenvolvemos o argumento da tese de que esta formação discursiva,

ao fixar uma “verdade” sobre diferença na educação, possibilita o governo simultâneo do desejo e da diferença, pois [...] “os seres humanos são governados pela verdade” (Carvalho; Gallo, 2022, p. 121) que, neste caso, é taticamente produzida e difundida a partir de organismos multilaterais, desdobram-se em políticas curriculares dos países membros e chegam aos currículos, onde produzem sujeitos e geram efeitos de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre desejo, diferença e educação escolar requer estratégias sutis de governo, pois, segundo Deleuze (2013), com o fim da Segunda Guerra Mundial, portanto, dentro do recorte histórico-temporal considerado nesta pesquisa, surgiram as *sociedades de controle*, caracterizadas por uma modulação nas formas de exercício do poder, que se tornaram ainda mais microfísicas e, por isso, mais eficazes. A biolítica dá a tônica das estratégias de governo e é preciso fazer viver e conviver (viver com) a pluralidade de identidades cada vez maior, sobretudo com a ampliação das sociedades de controle a uma rede global, um *Império* que engloba a tudo e a todos (Hardt; Negri, 2001). Esta necessidade, inclusive, está elencada como um dos quatro pilares da educação para o Século XXI (Delors, 1996), construídos pela UNESCO na Conferência Mundial Sobre Educação para Todos, o *aprender a conviver*. Os organismos multilaterais visam, em tese, à paz e à cooperação em diversas áreas para o progresso econômico e científico e a escola; nesta perspectiva, segue sendo uma instituição chave para o governo.

Palavras-chave: Arte de governo. Currículo. Desejo. Diferença. Governamentalidade.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CRAIA, Eladio. O virtual: destino da ontologia de gilles deleuze. **Revista de Filosofia Aurora**, [S. l.], v. 21, n. 28, p. 107–123, 2009. DOI: 10.7213/rfa.v21i28.1150. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/1150>. Acesso em: 14 jul. 2024.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Tradução Peter Pál Pelbart. São

Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Ana L. de Oliveira, Aurélio G. Neto e Célia P. Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a. v. 1.

DELORS, Jacques; MUFTI, In'am Al; AMAGI, Isao; CARNEIRO, Roberto; CHUNG, Fay; GEREMEK, Bronislaw; GORHAM, William; KORNHAUSER, Aleksandra; MANLEY, Michael; QUERO, Marisela Padrón; SAVANÉ, Marie-Angélique; SINGH, Karan; STAVENHAGEN, Rodolfo; SUHR Myong Won; NANZHAO, ZHOU.
Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. Tradução José Carlos Eufrazio. Brasília: Editora CNPq/IBICT/UNESCO, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. **Império**. Tradução Berilo Vargas. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **Arqueologia de la escuela**. Madrid: Ediciones Endymion, 1991.

[1] Identificação acadêmica, profissional e endereço eletrônico para contato.

[2] Identificação acadêmica, profissional e endereço eletrônico para contato.

[3] Identificação acadêmica, profissional e endereço eletrônico para contato.